PSICANÁLISE ↔ VIDA REAL ¹

| KARINA DE OLIVEIRA BERNARDES ²

RESUMO

A autora descreve um pequeno fragmento da psicanálise, que envolve a pandemia, ao qual associa uma ideia de Bion a respeito da análise real, do cotidiano. Desenvolve uma reflexão, na qual encontra uma relação entre linguagem e comunicação e seus enlaces com os campos da arte, literatura e filosofia. Destaca a arte como uma ferramenta de trabalho útil e fértil tanto no âmbito da análise como da vida, descrevendo, por meio da teoria de Bion, um caminho de articulação, uso e aplicação da arte com ética e responsabilidade no campo analítico.

Palavras-chave: arte, comunicação, linguagem, psicanálise.

ABSTRACT

The author describes a small fragment of psychoanalysis that involves the pandemic and associates it to Bion's idea of real analysis, of everyday life. She develops a thought in which a relationship between language and communication, and its links with art, literature and philosophy is found. She highlights art as a useful and fertile work tool both in analysis and in life, and describes, through Bion's theory, a way of connecting, using and applying art in the analytical field with ethics and responsibility.

Keywords: Solidarity. art, communication, language, psychoanalysis.

1 Trabalho apresentado ao Instituto de Ensino e Formação Psicanalítica da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR), como requisito para ascensão a membro efetivo.

2 Psicóloga. Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR).

Agradecimentos – a Arnaldo Chuster: contribuição e leitura crítica; a Maria José A. Souza: organização da composição do trabalho; a Sérgio Helle: gentilmente cedeu sua arte que, em meu olhar, transmite nas folhas secas e vivas o movimento da vida; a Paulo Marchon, que está comigo desde sempre; a José, nome fictício do paciente, que me ajuda a experimentar em alguns momentos uma aproximação do ser psicanalista.

“Os poetas e os filósofos descobriram antes
de mim o inconsciente; o que eu descobri
foi o método científico pelo qual o
inconsciente pode ser estudado.”

(Sigmund Freud)

A expressão “Freud explica” se tornou popular em situações nas quais sentimos que a razão não consegue acompanhar determinados comportamentos e sentimentos. Diante de um mistério do comportamento humano, é comum ouvirmos: Freud explica! Isso se dá como a realização de um desejo de que haverá uma explicação precisa para o comportamento humano. Uma tentativa equivocada, afinal, não há como entender psicanálise se não a fizermos. É uma experiência emocional vivida. Psicanálise não trata de explicações, não como um dicionário, que decifra o significado de uma palavra. Mas é verdade que a psicanálise pode favorecer uma aproximação do conhecimento diante da complexidade humana, em uma conversa sobre o que se passa na mente.

Na perspectiva de aproximação com o conhecimento, diante do silêncio do isolamento, recorri a Freud durante a pandemia em vários momentos de aflição, e encontrei conforto. Ele comunica sobre a guerra, a morte, o envelhecer, aquilo que é transitório, a fruição da vida. Li sobre vínculos, encontros... vida real.

Lembro-me, certa vez, em alguma jornada sobre Bion, de ouvir: psicanálise é tudo aquilo que tem relação com a vida. O título desse artigo remete a um termo utilizado por Bion, Psicanálise Real, sobre o qual Sandler, em seu livro *A linguagem de Bion*, nos esclarece, sendo o intuito de que a verdade possa ser o caminho da análise. Nesse aspecto, o termo real está em sua leitura correspondendo a algo que é genuíno. Bion nos diz que o efeito de uma comunicação, para que seja eficiente, deve estar vinculado a uma oportunidade de chamar a atenção do analisando para fenômenos reais e correntes. Assim, análise real é a análise da vida como ela é (Sandler, 2021, p. 888).

COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM, PSICANÁLISE E ARTE...

É na comunicação que a psicanálise acontece, em uma conversa entre duas pessoas, em condições de privacidade, quando há uma escolha para o encontro analítico. Um encontro entre duas pessoas na busca pela verdade. Em uma sessão de análise, pode-se vislumbrar, em uma fração de pensamento, o que inúmeros textos e livros psicanalíticos nos dizem a respeito da psicanálise e, portanto, da vida. Mas é na experiência real da dupla, sobre a vida real do paciente, que acontece uma experiência emocional. No texto *Como tornar proveitoso um mal negócio*, Bion (1979) sinaliza o encontro entre analista e analisando como uma experiência emocional de turbulência, uma tempestade emocional, em que se pode, a partir disso, tornar proveitoso o encontro, com a capacidade de transformar uma circunstância adversa numa causa favorável.

Descrevo a interação da psicanálise com a arte que, através da comunicação, pode alcançar uma chance de fazer chegar ao paciente uma possibilidade de promover mudança emocional, e não apenas um entendimento intelectual. Limito-me a descrever poucos fragmentos do intercâmbio entre a psicanálise e a arte, afinal, o campo é fértil. Entendo arte em seus infinitos aspectos linguístico, literário, mitológico e filosófico. Nesse intercâmbio, descrevo o psicanalista como um artesão, explorando recursos da linguagem, podendo promover em algum momento uma comunicação fecunda, criando novos campos de pensamento e de indagações, por intermédio de uma observação atenta da realidade.

Bion se ocupou, na construção de sua obra, com a singularidade da linguagem utilizada pelo analista e sua forma de comunicação. Em *Atenção e interpretação*, Bion (2007, p. 20) sinaliza que precisamos estar atentos ao meio de comunicação verbal, gestos, ações e silêncios, por meio de escuta e atenção que ultrapassam o sensorio. Preconiza reconhecer que, tão importante quanto a comunicação, é o uso que se dá a ela, cujo destino pode promover esclarecimento ou engano. Uma comunicação que possa dar sentido a uma dor ou a outros sentimentos precisa estar vinculada à verdade, como diz: “uma psicanálise é uma atividade conjunta de analista e analisando para determinar verdade; assim sendo, os dois

estão engajados – não importa o quão imperfeitamente – naquilo que é, em sua intenção, uma atividade científica” (Bion, 2007, p. 16).

Paulo Marchon (2009), em seu texto *De como uma interpretação é criada*, destaca que a verdade é fundamental na construção de uma interpretação. Ele concorda com a ideia de que devemos nos esforçar para ver as coisas como elas são, sem tentar nos enganar pois se existir algum consolo, ele somente é obtido pela verdade. Por outro lado, nos lembra que, embora a verdade exista e que tenhamos obrigação de procurá-la, jamais teremos garantias de a estar tocando. A verdade mesma, nenhum homem a conheceu, nem a conhecerá porque nossa apreensão, nosso pensar, nosso saber... tudo é um tecido de conjecturas.

Existem entraves dos mais diversos que dificultam a observação e a comunicação, ainda que estejamos atentos. Descrever fenômenos não materiais que passam pela percepção subjetiva pode ser comparado apenas à parcialidade de um sonho lembrado, a uma fração de lembrança perto do esquecido, ainda que esteja lá.

Como, então, podemos tentar alcançar uma comunicação que seja minimamente útil? Alcançar uma estrada para o inconsciente, acessar o mundo interno e comunicar isso ao paciente, em uma interpretação, não é uma tarefa fácil.

Bion (1955) se debruçou sobre essa questão, fazendo um passeio na tentativa de encontrar palavras que pudessem ser úteis ao paciente. Diz ele:

Nós temos ao nosso dispor e temos que usar um discurso articulado, palavras se gastam, e tornam-se absolutamente lisas, portanto, não surpreende que o paciente ache que o analista está falando o seu non sense habitual, quando temos que usar palavras tão desnaturadas. (p. 134)

O autor considera o quanto a psicanálise lida com algo difícil de descrever e destaca a arte como uma vantagem, na qual se pode lançar mão da estética como uma língua universal.

Na singularidade da linguagem, temos a oportunidade de alcançar uma comunicação, expressões poéticas, ditos populares. Através de uma linguagem

estética universal, há a possibilidade de uma aproximação com a verdade, a verdade do paciente. Arnaldo Chuster (2003, p. 65), em seu texto *Os princípios ético-estéticos de observação*, traz uma indagação sobre como ampliar o poder de sustentação no tempo e no espaço de uma interpretação, considerando a possibilidade de expressá-la numa linguagem transtemporal, à qual responde com uma frase do Bion: “Suponho que o efeito permanece terapêutico de uma psicanálise, caso exista algum, depende da extensão em que o analisando tenha sido capaz de usar a experiência analítica para ver um aspecto de sua vida, a saber: ver como ele mesmo é”.

Na arte, podemos encontrar uma inspiração que pode ser um caminho para comunicar o que parece incomunicável, ou que se aproxime minimamente do desconhecido. Combinações de palavras bem escolhidas, assim como imagens artísticas, podem indicar muito mais do que elas expressam no literal, podendo manter em análise uma durabilidade e extensão ao encontrar um ritmo, uma sinfonia, capaz de alcançar uma experiência emocional que encontra seu sentido (Grotstein, 2010, p. 120).

Um poema muitas vezes é atemporal e tem a capacidade de abarcar sentimentos variados. O poético não é apenas um estilo literário, mas uma forma de pensar e se comunicar. “Disfarçada de ficção, a verdade ocasionalmente se infiltra” (Sandler, 1989, p. 18). É uma linguagem que estimula a compreender a si mesmo, alcançando o ser e não o saber, um lugar de criação das palavras. Assim, as palavras criam uma interpretação, uma semântica (sentido), mantendo-se atual em uma língua universal.

A arte e a literatura encontram-se nos pilares da construção psicanalítica, desde as primeiras formulações freudianas do Inconsciente e do complexo de Édipo, inspiradas em Sófocles e nas tragédias de Shakespeare. Desde a Idade da Pedra, a arte encontra-se junto à construção da linguagem necessária para simbolizar o ser e o mundo, é uma evidência de sofisticação do ser humano. André Comte-Sponville (2016), em seu texto *A arte*, reflete o quanto a arte é uma ajuda para o amor à verdade, diz que arte e literatura nos ajudam a perceber e habitar essa vida verdadeira, que se encontra, a cada instante, em todos os homens. A arte

tem acesso privilegiado aos elementos do Inconsciente, sendo uma forma de comunicação. A psicanálise encontra os meios de expressão para as vicissitudes da mente humana e dos mais diversos estados emocionais por meio da palavra. Isso se tornou evidente desde os primórdios do desenvolvimento da psicanálise, quando Anna O a denominou de “a cura pela fala”.

No texto *Uma teoria do pensar*, Bion (1991) estabelece uma relação entre filosofia e psicanálise. Entendo que ele tenta transformar em prática o pensamento filosófico em uma tentativa de compreender a vida. O pensamento filosófico enfrentou barreiras ao longo da história, mas permaneceu vivo e necessário à humanidade. A sabedoria parece ter capacidade de sobreviver mudando sua direção e reaparecendo, então, em lugares inesperados. É nesse mesmo vértice que descrevo a arte, que se mantém como uma comunicação permanente, profunda e atemporal, e que consegue apreender a experiência humana.

Em notas à nova versão brasileira de *Atenção e interpretação*, Paulo Cesar Sandler nos fala sobre o uso, por parte de Bion, de metáforas e aforismos criados por ele, trocadilhos e um certo bom humor como parte de uma experiência. Diz ele:

Temos considerado, apesar do preço do descrédito, que eles não são complicados. Dizem o simples e o óbvio. Mas o óbvio é o mais difícil de ser visto pelo nosso olhar humano - como uma vida real ou uma psicanálise, que merece esse nome. (Sandler, 2007, p. 10).

Sandler ainda nos diz que a psicanálise pura, buscada por Freud, tenta dizer como as coisas são, nunca como elas deveriam ser, sendo a psicanálise vida real.

Talvez essa tarefa seja tão difícil e dolorosa, em alguns momentos, que a arte passa a ser uma ferramenta, por meio da qual se pode falar da dor, com amor.

Em *Atenção e interpretação*, Bion (2007, p. 13) sugere uma comunicação do analista ao analisando, denominada linguagem de consecução (linguagem psicanaliticamente bem-sucedida). Sua tentativa é de, sobretudo, desenvolver uma linguagem precisa e duradoura. Sandler nos esclarece que a palavra consecução foi escolhida na tentativa de exprimir aquilo que está em movimento, como um “ir se conseguindo”, um “tornar-se”. Uma comunicação que pode alcançar

o paciente e que pode ser criativa com a finalidade de uma consideração pela verdade, através da experiência sensorial e intuição, resultando em uma linguagem psicanaliticamente de êxito.

Versos de um poema

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho.

(Carlos Drummond de Andrade)

Versos do célebre poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade (1928), publicado com uma tentativa de espírito modernista, pretendendo aproximar a poesia do cotidiano, podem ser lidos diante da realidade humana que, em qualquer momento da vida, sobretudo agora, pode nos fazer sentido. No meio do caminho tem uma pedra! Apesar de sofrer críticas na época pela redundância, o poema entrou para a história da literatura brasileira, talvez por serem também tão redundantes/repetidas as pedras em nossos caminhos. Um poema que remete a uma música, uma música que traduz um poema, “é pau, é pedra, é o fim do caminho”, poema e música, entrelaçados, são a vida traduzida em uma forma estética de comunicação poética e verdadeira.

Em *Águas de março*, Tom Jobim escreve sua música mobilizado pelas impressões que tinha do que acontecia em seu sítio, Poço Fundo. Quando chovia, havia pedras e paus que causavam o fim do caminho, trazem-lhe inspiração para a construção de um ritmo que traduz o movimento da vida, a realidade inefável. Através da capacidade de tolerar, de observar, de se deixar envolver, o mistério da vida, em alguns momentos, pode resultar em poema e em música. Bion (1981, p. 123) se utiliza da ideia de cesura³ para pensar no impacto de uma experiência emocional e no caminho de sua transformação. Tom Jobim fez música!

3 Cesura, nas palavras do autor: “. . . em outras palavras, para penetrar um obstaculo ou camada entre os estados, quando a oportunidade se oferece ou há algum aparentemente desastroso estado de coisas do qual se pode ter proveito. Uma vez que não podemos fazer nada a respeito do dramático ou do óbvio acontecimento externo, ele oferece uma interpretação que mais tarde tornar-se-á uma associação livre para o acontecimento nem um pouco óbvio”. (Bion, 1981, p. X)

Bion (2007, p. 20), ainda que estivesse desenvolvendo um modelo de linguagem, de comunicação que pudesse ter eficácia e alcance, também alertou para um risco de engano. Fez uma diferenciação útil da analogia, utilizando o critério de que o que deve ser exato é a relação entre os objetos específicos na analogia específica, e não os próprios objetos. A falta de exatidão em descrever a relação leva ao campo do engano. Ele utiliza dois exemplos: a faca está para o garfo, assim como a faca está para o garfo é uma não analogia, diferente de: os olhos estão para a mente, assim como a boca está para o alimento, que é uma analogia. A arte, seja ela de qual natureza for, pode ser uma analogia perspicaz em algum momento da vida ou em uma sessão de análise. Traz qualidades à prática real da psicanálise, promovendo uma comunicação útil no campo do aqui e agora.

FRAGMENTO CLÍNICO – O QUE EU FAÇO DA MINHA VIDA QUE EU NÃO FAÇO NADA

Foi uma frase impactante para mim e para José. Ao dizer essa frase, José se assusta!

José, aos 55 anos, casado, se encontra em desespero. Durante vários períodos de sua vida, ele se tranca no quarto por vários dias, sem conseguir se alimentar, muitas vezes, sem tomar banho. Fica ausente do mundo. Geralmente, depois de alguns dias, encontra forças, segundo ele, em músicas, leituras, ou até mesmo na vontade que sente de procurar mulheres, fazendo dessa dinâmica um movimento cíclico em sua vida. Dessa forma, está sempre vivendo uma experiência de morrer e de ressurgir das cinzas com euforia. Quando digo isso a ele, geralmente fica bravo, mas, em seguida, diz: “eu respeito essa coisa de inconsciente”. Fui percebendo uma comunicação que conseguimos desenvolver juntos, entre pensamentos difíceis, arte, música. Utilizando palavras corriqueiras, ideias populares, pôde-se trazer algum movimento aos pensamentos de José. Às vezes, ele começa a sessão cantando: sou caipira, Pirapora. José se utiliza da música como um refúgio à sua dor, tenta se colocar o mais distante possível de si mesmo.

Versos de uma música: Romaria

É de sonho e de pó
O destino de um só

Feito eu perdido em pensamentos
Sobre o meu cavalo...

(Renato Teixeira)

José tenta se encontrar em músicas e em poemas. Perdido em pensamentos, muitas vezes não encontra um caminho. Entra em reclusão, sente-se extremamente solitário. A música *Romaria* reflete sua vida, a vida de quem já viveu de tudo, segundo ele, porém se vê perdido. José conversa comigo através da arte.

Em um de nossos encontros, José falava da dor de ter tido perto de 200 mulheres. “Foram muitas, Karina, quantidade. E agora? Nada tem sentido para mim. Eu estou olhando para todas as mulheres da rua, sedento. Mas nada tem sentido.” Consegue ter uma percepção rudimentar de sua existência, percebe que vive em busca de quantidade, porém não consegue observar a qualidade, o que poderia favorecer um salto de movimentos e, quem sabe, transformações. Digo a ele que me lembrei de um poema: “vou-me embora pra Pasárgada”. José fica eufórico, e diz: “você heim!”. Em seguida, fala alto: “eu não vou embora pra Pasárgada, cá eu tenho tudo que tem lá!”. José fala como quem está conversando com Manuel Bandeira, entre outros músicos ou poetas, muitos que já morreram. José, entre trancos e barrancos, fica vivo/morto.

Me vem a lembrança o filme *Sociedade dos poetas mortos* (1989), em que a luz da sabedoria vem acompanhada de quatro pilares: tradição, honra, disciplina e excelência. Através da experiência que é vivida, mais quatro pilares são descritos, traduzidos pelos alunos: paródia, terror, decadência e excremento. Podem ser observados como duas faces da mesma moeda que eleva ao céu ou faz decair ao inferno, sendo provável esses dois opostos serem resultantes de um mesmo vazio. O excesso de racionalidade da escola revela uma faceta perversa, um lugar de tradição que ficou denominado como “o inferno”. É no encontro com a “sociedade dos poetas mortos”, apresentada por um professor, que nasce uma “sociedade dos meninos vivos” diante da possibilidade da linguagem e da comunicação a que lhes é oferecida. Rompendo essa simetria, um outro vértice é apresentado e, nas palavras do “Capitão”: “aprendem a saborear as palavras e as ideias”.

A frase transformada de José sobre o poema revela sua tentativa em transformar sua vida em Pasárgada, este lugar que não está longe, mas sim ali. É a vida dele. Criou um cenário que o protegia da frustração e da dor. Mas em algum momento “caiu a ficha”: “o que eu faço da minha vida que eu não faço nada?”. José vem descobrindo que não tem Pasárgada, pois, quando ele está muito triste, já não tem um rei para salvá-lo, ou melhor, não basta ser rei, e uma mulher aleatória parece não ter sentido, virou quantidade o que antes parecia potência. Conversamos sobre isso um pouco. Ele diz então:

Estou muito invejoso de quando vejo um casal no supermercado, acabei sem ninguém, Karina, e meu casamento não é de verdade. Meu corpo não acompanha mais meus desejos, mas não quero mais falar disso. E você, minha querida, é muito precisa em suas palavras, mas não é um Calligaris. Era dele que eu precisava, mas é isso que eu posso ter! Me desculpe a sinceridade, mas eu preciso de mais.

Após ouvi-lo, digo-lhe que ele gostaria mesmo é que eu fosse nossa senhora de Aparecida, só assim para estar à altura de um Rei, iluminando seus caminhos. José dá umas risadas e vai embora. Com algum humor, pudemos falar da sua dor.

Sua inveja, verbalizada por ele, pode ser entendida como um assassinato de tudo que traz vitalidade, inclusive a analista. Sua dependência do outro como forma de permanecer vivo são transformações, formas de destruição ao que depende da sua própria vida, impedindo-o cada vez mais, de ter iniciativa. Iniciativa produz crescimento, então ele corre um risco de sair de seu estado de luta e fuga, tão familiar a ele, mantendo, assim, relações de um modelo parasitário [1+1=0] (Bion, *Cogitações*, 2000, p. 47).⁴

4 W. R. Bion – Tropismos, no original: “A ação apropriada para os tropismos é a busca. Considerei que se possa pensar essa atividade como relacionada ao assassinato, parasitismo, e criação – os três tropismos. Considerando-se dessa maneira, os tropismos são vistos como produzindo a busca em 1) um objeto para assassinar ou pelo qual ser assassinado, 2) um parasita ou um hospedeiro, 3) um objeto para criar ou por meio do qual ser criado. Porém, tomados como um todo, não individualmente, a ação apropriada para os tropismos no paciente que vem para tratamento é a busca por um objeto no qual a identificação projetiva é possível. Isso se deve ao fato de que em um tal paciente o tropismo de criação é mais forte do que o tropismo para assassinar.”

José, o poema

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José? ...

(Carlos Drummond de Andrade)

E agora, José, esse José que me fala de sua dor pelas perdas, de suas pedras e das sombras do caminho, sente que a idade o deixou desvitalizado. Freud (2006a), em *Sobre a transitoriedade*, escreve, a meu ver, um texto poético e real, ao contar sobre o encontro com seu amigo poeta:

O poeta admirava a beleza do cenário à nossa volta, mas não extraía disso qualquer alegria. Perturbava-o o pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção, . . . Tudo aquilo que, em outra circunstância, ele teria amado e admirado, pareceu-lhe despojado de seu valor por estar fadado à transitoriedade". (Freud, 2006, p. 317)

José, temendo a morte e a impotência, criou sua Pasárgada. Sendo Rei, não temeria o transitório da vida. Ainda assim, o real bateu à sua porta. Solidão, impotência e destrutividade lhe assustaram, ainda que tenha nele uma força que o faça se manter nessa dinâmica vivo/morto. A exigência de imortalidade é um produto de nossos desejos e, predominando, não se reivindica a realidade, prevalecendo a intolerância à frustração (Freud, 2006a, p. 317).

José, em seu poema, diferente do que estou propondo, utiliza-se de uma ideia para permanecer no irreal, no engano. Perde-se da realidade. Segundo Freud (2006a, p. 318), o que é penoso pode, não obstante, ser verdadeiro.

Em sua investigação, Freud (2006a, p. 318), na tentativa de compreender os fatores emocionais que impedem a aceitação e a beleza da fruição, entende que existe uma antecipação do luto pela morte dessa mesma beleza. Utilizando aqui um

ditado popular, é como *morrer de véspera*. Vê-se, nessa expressão, um exemplo de comunicação que tenta alcançar a verdade. José, por exemplo, morre dentro de seu quarto.

Freud, como um poeta realista, prossegue e nos oferece uma beleza dentro da realidade como possibilidade de simbolizar e significar a vida. Diz ele: “A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição” (2006, p. 318). O real tem sua beleza!

Outros versos...
O que estava escrito nas estrelas,
passava em frente ao chão da minha rua.

(José)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este artigo no silêncio barulhento da pandemia, através dos pensamentos e sentimentos que emergiram em mim e, aos poucos, ideias viraram palavras e se transformaram em uma tentativa de comunicação. A vida real me levou por esse caminho. Volto ao transitório de Freud (2006), quando, ao final do texto, com sua psicanálise real, ele descreve o conflito da guerra que acometeu o mundo e toda a destruição causada por ela naquela época:

Minha palestra com o poeta ocorreu no verão antes da guerra. Um ano depois, irrompeu o conflito que lhe subtraiu o mundo de suas belezas .
. . . Maculou a elevada imparcialidade da nossa ciência, revelou nossos instintos em toda a sua nudez e soltou de dentro de nós os maus espíritos .
. . . Amesquinhou mais uma vez nosso país e tornou o resto do mundo bastante remoto. Roubou-nos do muito que amáramos e mostrou-nos quão efêmeras eram inúmeras coisas que consideráramos imutáveis (p. 318).

A semelhança da citação acima com o presente não é mera coincidência. Penso que, enquanto estivermos falando do que é humano, do real, estaremos fadados às pedras do caminho. O texto de Freud escrito em 1916 é atual devido ao fato de a

psicanálise tratar da vida real. Ao final, Freud recorre ao amor à pátria, ao outro, como forma de sustentação e sobrevivência. Novamente a psicanálise se apresenta na dor e no amor.

A arte está entre nós e pode nos auxiliar a ver a verdade para além da catástrofe, ela nos ajuda a suportar a verdade. Me recorde de rosas por toda praia de Copacabana, no Rio, uma delicadeza poética de imagem simbolizando, em forma de flores, vidas que se foram. Ao mesmo tempo, uma oferta de flores para cada familiar que ficou com a dor da perda, uma forma de arte, na tentativa de solidariedade e simbolização. Quando possível, a psicanálise tem a sorte de unir-se à arte, resultando em uma comunicação, auxiliando que o paciente possa desenvolver maneiras de chegar mais perto de quem ele é. Sandler (2021, p. 514) diz que algo precisa ser dito, mas, sendo inefável, pode aparecer sob a forma de metáforas e parábolas, e acrescento aqui, de flores!

Sandler (1989, p. 11), em seu livro: *Fatos, a tragédia do conhecimento em psicanálise*, diz:

Durante milênios, antes que aparecesse um Freud para formular a psicanálise, foi sobre os ombros do modo artístico que repousou a possibilidade de os seres humanos perceberem algo de si mesmos . . . através da arte, da filosofia, de mães e pais e filhos, e dos assim chamados místicos, durante algumas épocas, já existia “algo” ainda inominado, hoje chamado de psicanálise, antes que Freud nascesse para poder pensá-la.

Não se faz arte por ser bonita, mas sim por sermos humanos. A arte, no seu real, extrai a essência da vida. Podemos tomar a arte como um modelo de construção que contribui para a análise, porém, enfatizo que, no campo da análise, temos uma responsabilidade ética que deve acompanhar essa construção. A percepção da verdade é um problema constante na experiência humana. A psicanálise se arrisca nessa jornada, transformar a realidade é um mecanismo, esclarecê-la é

uma saída. Em todo campo de nossa teoria psicanalítica, temos caminhos dos mais variados para nos manter fiéis à verdade da psicanálise, o que descrevo é apenas um vértice. Afinal, há muitos caminhos para Roma, mas Roma é uma só! (Sandler, 1989, p. 147).

O valor da verdade para a psicanálise não é novidade. Ela está na essência da ética psicanalítica desde seus primórdios e se configura como ponto de encontro entre analisando e analista de modo que é imprescindível ao exercício psicanalítico, como atesta Freud (2006b, p. 265) em seu artigo *Análise terminável e interminável*: “E, finalmente, não devemos esquecer que o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade – isto é, no reconhecimento da realidade – e que isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano”.

REFERÊNCIAS

- Bion, W. R. (1967). *Como tornar proveitoso um mal negócio*. In Estudos Psicanalíticos Revisados. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1991). Uma teoria do pensar. In *Melanie Klein: desenvolvimentos da teoria e da técnica* (Melanie Klein hoje, vol. 1) / editado por Elizabeth Bott Spilius. Rio de Janeiro: Imago, pp. 185-193.
- Bion, W. R. (1981). Evidência. In *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 15, n. 2, São Paulo, 1981, pp. 123-36. Versão final editada por Mrs Francesca Bion, de uma palestra dada na Sociedade Psicanalítica Britânica, em 23 de julho de 1976.
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações*, Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (2007). *Atenção e interpretação* (P. Sandler, Trad., 2. ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Chuster, A. (1999). A psicanálise dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos. In W.R. Bion, *Novas leituras*. Vol. I. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Chuster, A. (2003). Dos princípios ético-estéticos à clínica: parte prática. In W. R.

- Bion, *Novas leituras*. Vol. II: Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Comte-Sponville, A. (2002). A. *Apresentação da filosofia* (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Coletânea Poesias (1942). José. Carlos Drummond de Andrade. Recuperado em 6 de maio de 2021 de <https://contobrasileiro.com.br/tag/e-agora-jose-carlos-drummond-de-andrade/>
- Freud, S. (1989). *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein: o interesse literário e psicológico*. Recuperado em 23 de setembro de 2020 de dwww.freudiana.com.br/destaques-home/as-cartas-para-eduard-silberstein.html
- Freud, S. (2006a). Sobre a transitoriedade. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago. V. XIV. (Trabalho original publicado em 1916/15).
- Freud, S. (2006b). Análise terminável e interminável. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. V. XXIII. (Trabalho original publicado em 1937).
- Grotstein, J. S. (2010). *Um fecho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.
- Marchon, P. (2009). *Flutuando atentamente com Freud e Bion*. Rio de Janeiro: Imago.
- Sandler, P. C. (1979). *Fatos: a tragédia do conhecimento em psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Sandler, P. C. (2007). Nota da tradução comentada. In W. R. Bion, *Atenção e interpretação*. Imago.
- Sandler, P. C. (2021). *A linguagem de Bion: um dicionário enciclopédico de conceitos* (D. Sandler & G. Del Grande Trans.). São Paulo: Blucher.